

Que ética para a prática da análise hoje? A dignidade do objeto.

Andrés Barbarosch (EFA)

O título deste congresso: Que ética para a prática da psicanálise hoje? É possível pelo trabalho marcante de Lacan sobre o Projeto de Psicologia de Freud no Seminário VII: A Ética da Psicanálise. O trabalho da metapsicologia freudiana com a repressão primária, com a falta do representante da representação (*vorstellungsrepräsentanz*) que continua nos desenvolvimentos sobre o significante e a Coisa (das Ding), ao qual atribuirá um valor operacional; enquanto o Outro da pré-história individual, a pulsão, o gozo e o mito da mãe kleiniana podem muito bem ir para esse lugar.

Lacan fala do significante porque a análise é um espaço onde se fala, porque fala para quem como analista na transferência tem uma escuta disponível.

Simultaneamente ao ditado das aulas do Seminário XVI De um Outro ao outro, Lacan escrevia uma versão do Seminário VII, dezenove páginas datilografadas que foram encontradas em uma caixa de papelão e publicadas postumamente junto com as resenhas de ensino. Ele fala sobre isso várias vezes. Nos Outros Escritos, este texto está faltando.

Talvez alguns psicanalistas não tenham perdido, pois no Seminário XX: Mais ainda assim, Lacan propôs explicitamente refazer A Ética da Psicanálise, atualizando-a, uma reformulação do que já estava exposto e com o nó de barbante: uma mudança de paradigma.

Por essas razões, no Seminário XX pode-se definir o amor cortês como “uma forma refinada de suprir a ausência de uma relação sexual, fingindo que somos nós que a impedimos”.

Ao escrever o quadro da sexuação, deduz não apenas a função fálica, significante do Outro barrado $S(A)$, mas também a da mulher taxada. O que nos permite propor, com base na lógica matemática, onde o universal faz sentido, mas não existe, uma vez que o universal está marcado, logo não há mulher senão mulheres. Com o objeto a , será dada a condição

pelo qual cada uma delas deseja ser amada, e a afirmação de que não há homem sem mulher, lhes possibilitará questionar o gozo feminino para ambos os sexos. O objeto a é o que faz a causa do desejo, a perfuração do todo e a divisão do sujeito.

Há continuidades e descontinuidades entre esses desenvolvimentos e os do Seminário VII, onde ele projetou o surgimento do amor cortês como um meteoro que, afastando-se ostensivamente da vida das mulheres nos séculos XI e XII, criou uma sensibilidade que ia se esvaiando através dos séculos e que continua a deixar faíscas em amores, tristezas e angústias como as contadas por pacientes e analisadores no consultório.

Por ser “alíngua” (*lalangue*), quando alguém fala em análise, exterioriza um gozo, do qual se pode dizer que a ética da psicanálise é o desejo. Questão que distingue a psicanálise de qualquer psicologia aprisionada no endopsíquico.

Diante do pântano em que se encontravam os pós-freudianos para dar conta da sublimação, confinados ao conflito entre a libido do ego e a libido sexual. Lacan dá uma dimensão de alteridade com a Coisa (das Ding) naquilo que é inassimilável a qualquer dualismo, ele a define assim: “Sublimação é elevar o objeto à dignidade da coisa”. No amor cortês há a sublimação do objeto feminino; a criação simbólica da dama, como objeto de exaltação amorosa. Lacan, no final do Seminário VII, abandona a definição de “sublimação como elevação do objeto à dignidade da coisa” ao falar da dignidade do objeto.

Na aula de 22 de junho de 1960, Lacan diz: “Se vocês lerem o Laocoon de Lessing, leitura preciosa e rica em todo tipo de pressentimentos, vê-lo-ão, no entanto, deter-se no início diante da concepção da dignidade do objeto. Não que seja pelo efeito de um progresso histórico que essa famosa dignidade do objeto tenha sido, enfim, graças a Deus, abandonada pois sempre foi, tudo o que deixa transparecer”.

O livro que Lacan dá ao seminário para ler para falar sobre a dignidade do objeto intitula-se Laocoonte, ou sobre as Fronteiras da Pintura e Poesia (1766) escrito por G. E. Lessing, um brilhante e inveterado polemista que briga com J. J. Winckelmann a partir de seu ensaio Sobre a imitação de obras gregas na pintura e na escultura. (1755).

Desde o início, Lessing, que também era fã de jogos de cartas, mudou as regras do jogo para Winckelmann em um passe de mão.

As teses de Winckelmann enquadram-se nas artes plásticas e no ideal clássico de beleza da antiguidade grega, “a nobre simplicidade da forma e a serena grandeza da expressão”. Nas figuras da arte grega a expressão revela uma alma grande e serena em meio a todas as paixões. Esta alma é denotada, não apenas na face de Laocoonte, mas em todo o seu corpo, apesar de seus horríveis sofrimentos.

Lessing, ao mudar os temas elencados, vai propor um torneio entre a poesia (épica, novela, dramaturgia) e a pintura (escultura, arquitetura) em que sairá vitoriosa a poesia, pela qual será criticado por seu rancor com as artes visuais. A pintura e a poesia diferem pelos objetos e pela forma de imitá-los. O tempo é domínio do poeta; o espaço, e do artista. A poesia terá maior amplitude de registro em referência às paixões, na pintura o objeto é o corpo em um instante de ação.

Uma das possíveis fontes literárias do grupo escultórico é o livro II da Eneida de Virgílio, que trata da Guerra de Tróia. narra a morte do padre Laocoonte e seus filhos que estavam sacrificando um touro à beira-mar em homenagem a Netuno e as cobras que vêm da ilha de Tenédos envolvem duplamente os três personagens em um nó apertado inchado de sangue no qual perdem a vida.

Em referência à dignidade do objeto ajustada ao ideal de beleza clássica nas artes plásticas, Lessing para a poesia proporá um deslocamento da dignidade em relação à beleza.

Em Laocoonte contemplamos o grito afogado e comprimido do padre cuja maior expressividade significaria um rosto deformado que ultrapassava os limites do cânone. Na poesia, os deuses homéricos sofrem e reclamam como mortais de suas dores físicas e não perdem a dignidade por isso.

Lessing, que admirava Shakespeare, lutou para que houvesse uma literatura e uma dramaturgia alemã, que não existiam, e se opôs ao ideal winckelmanniano para evitar que ele acentuasse o domínio exercido pelo neoclassicismo francês no teatro de sua época.

A distinção da pintura e da poesia, da visão e da audição evocam as do campo escópico e invocativo, o teatro na medida em que liga e envolve o corpo é a arte maior em referência ao fantasma.

A palavra não corresponde ao vestido justo da beleza das artes plásticas. Parafraseando Lacan: o campo especular me é visível, o narcisismo que envolve o eu e o outro, mas não o desejo.

A dignidade do objeto pela palavra implicará: a falta, o deformado, o resto, o indigno, o Mal. Nos termos de Lessing, Ricardo III de Shakespeare; que Freud retoma em “As exceções” para falar daquilo que rejeitamos, do horrível que há em nós mesmos.